

E-book

# MULHERES NA RESISTÊNCIA À DITADURA EM SETÚBAL



**Júlia Augusta da Silva**

**Maria Fernandes Ribeiro**

**Maria Costa**

**Júlia Augusta da Silva**

**Maria Fernandes Ribeiro**

**Maria Costa**

**Elisabete da Conceição Fernandes Leal**

**Maria da Conceição Tavares de Castro**

**Maria Fernanda Corte Real Graça e Silva**

**Luísa Dias Soares**

**Marie Germaine Martin Aubel**

**Georgete de Oliveira Ferreira**

**Maria Clementina da Conceição Coelho Amália**

**Joaquina Caeiro Galante**

**Juliana Gonçalves Pinto de Mesquita**

**Marina Santos Lopes Carvalho**

**Maria de Fátima Correia da Cruz Neves**

**Aura Gomes da Silva**

**Antónia Rosa de Carvalho**

**Mariana Bárbara Abegão Trabuço do Monte**

**Regina Maria Machado Marques**

**Maria Helena Rosário Chora Santos Dias**

**Sisaltina Maria dos Santos**

**Maria Helena**

**Maria de Fátima Correia da Cruz Neves**

**Aura Gomes da Silva**

## **Prefácio**

O programa de comemorações do 25 de Abril de 1974 “Venham Mais Vinte e Cincos”, que se celebra em Setúbal, tem como principal objetivo evocar os valores e direitos conquistados pela Revolução dos Cravos. É um plano traçado coletivamente entre executivo, técnicos camarários, comissão de honra e setubalenses.

O presente *ebook*, que se insere nas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, procura eternizar os conteúdos da exposição “Mulheres na Resistência à Ditadura em Setúbal”, inaugurada a 20 de abril, que esteve patente na Avenida Luísa Todi e no Centro de Memórias do Museu do Trabalho Michel Giacometti. Posteriormente, esteve disponível durante os dias da Feira de Sant'Iago de 2024, permitindo que diversos públicos tivessem acesso, abrangendo assim grande parte da população.

Projetos desta natureza têm como intuito lembrar aqueles que viveram os tempos de medo durante o fascismo e dar a conhecer aos que nasceram em democracia como foi viver em repressão.

Através do conteúdo expositivo e do documentário *online*, os cidadãos têm agora acesso facilitado às histórias de vida de cerca de 20 mulheres ligadas a Setúbal e a Azeitão, que ficaram marcadas pelo fascismo, tendo sofrido com os horrores da perseguição política.

Para que a memória não esmoreça, a Câmara Municipal de Setúbal abraçou esta iniciativa.

Viva Abril!

Pedro Pina

Vereador de Cultura, Desporto, Direitos Sociais, Saúde e Juventude

## “Mulheres na Resistência à Ditadura em Setúbal”

Ao longo de 48 anos de ditadura interrupta no País (1926-1974), a repressão, o autoritarismo, a censura, o medo e as inúmeras restrições às liberdades individuais e coletivas caracterizaram o quotidiano da sociedade portuguesa.

Milhares de mulheres e homens, com grandes sacrifícios pessoais, resistiram e desafiaram o fascismo, pondo em causa as suas vidas. Abdicaram da própria identidade e da família. Enfrentaram prisões. Sofreram com a tortura. Permaneceram firmes no sonho que se concretizou na tarde de 25 de Abril de 1974 em nome da liberdade, da justiça e do bem comum.

As mulheres aqui identificadas representam uma amostra de uma luta maior. Frequentemente desvalorizadas na sua ação e papel social e político, estas foram absolutamente decisivas na resistência antifascista. Nomeamos algumas delas, mas muitas continuam no anonimato. Colocá-las, pois, no epicentro é da mais elementar justiça.

Este projeto, que conta com a representação de cerca de 20 mulheres, estrutura-se numa dupla narrativa e num documentário, assente numa sólida base documental (fundo da polícia política no Arquivo Nacional da Torre do Tombo) e na recolha de diversos testemunhos orais (na primeira pessoa ou com relações de proximidade), conjugando abordagens metodológicas de cariz histórico e antropológico.

As histórias destas mulheres – umas naturais, outras residentes no concelho de Setúbal – ilustram com clareza as diferentes razões pelas quais poderia atuar a polícia política, bem como diferentes formas de resistência.

Este e-book retrata a totalidade do projeto “Mulheres na Resistência à Ditadura em Setúbal”, no qual onde são narradas prisões resultantes de atividade política antifascista, mas também de emigração/imigração clandestina, de vinganças pessoais, de questões de natureza religiosa, de acusações alegadamente falsas ou de meras suspeitas.

Demonstra-se como a PSP e a GNR, no terreno, atuaram como primeira força de atuação repressiva do regime, apoiando as diferentes faces da polícia política no decurso da ditadura: Polícia de Informações (1926); Polícia de Vigilância e de Defesa do Estado (1933); Polícia Internacional e de Defesa do Estado (1945); Direção-Geral de Segurança (1969).

Procurou-se dar ênfase à memória oral para contar as histórias de resistência de 7 mulheres que, com ligação a Setúbal, foram parte da oposição ao Estado Novo. Relatam-se episódios de companheirismo e apoio incondicional, greves, exílio político ou atividades clandestinas, que as conduziram à prisão política.

Ao resgatar a memória destas mulheres na resistência, através de entrevistas e documentos, reconhecemos não apenas a sua coragem individual, mas também a importância coletiva da luta antifascista.

Que estes retratos e memórias nos permitam recordar e celebrar as conquistas de Abril e daqueles que sacrificaram tanto para garantir um futuro mais justo e democrático para todos.

A todas elas o nosso agradecimento.  
Diogo Ferreira (historiador) e Raquel Martins (antropóloga)

**“(...) A Georgete [refere-se à presa política Georgete Ferreira] é um exemplo que era uma mulher que, apesar de ter vindo de uma classe relativamente baixa e sendo inteligente e tudo, se tivesse levado uma vida, digamos, normal não teria chegado a muito mais do que empregada de escritório. E ela foi muito mais do que uma empregada de escritório. A minha própria avó [refere-se à presa política Maria Clementina] conseguiu evoluir em termos de conhecimento, em termos de literacia e noutros termos pessoais, muito mais, do que se nunca se tivesse dedicado à política. (...) Elas também ensinavam coisas umas às outras e não era propriamente a fazer costura.”**

**Isabel Maldonado, 60 anos  
(Neta de Maria Clementina e Salvador Pereira Amália,  
ambos presos políticos)**

## Júlia Augusta da Silva (1930)

No verão de 1930, esta azeitonense, que residia no Barreiro, foi presa às ordens do respetivo administrador do concelho, juntamente com o seu marido, Joaquim Piteira Júnior, por ser “detentora de armas proibidas e de materiais para fabrico de bombas”.

Foram ambos denunciados, nos dias 19 e 20 de julho, por um casal com quem partilharam residência meses antes. Os denunciantes declararam ter recebido das mãos da filha dos detidos um cabaz, que continha explosivos e uma pistola, e que os ouviram proferir, em mais do que uma ocasião, que **haveriam de matar o administrador do concelho quando se desse uma revolução**.

Apesar de terem negado as acusações, garantindo que resultavam de ódios pessoais, nas buscas à sua residência **foi apreendido material de confeção de explosivos** e uma pistola. A filha confirmou ter transportado o cabaz até à habitação do casal denunciante, julgando que eram ovos. Apontados como “**inimigos fidalgais da actual Situação Política** [...] [que] só pensam em liquidar criaturas que não militam no seu credo político, encobridores de malfeitores”, o administrador do concelho requereu que lhes fosse **fixada residência fora do Barreiro**. Júlia Augusta da Silva foi libertada em 25 de julho, com residência obrigatória em Azeitão. O marido teve o mesmo destino, sendo solto em 1 de agosto.

CADASTRO		POLITICO	N.º 2228
[Empty space for photo or stamp]			
Nome	JULIA AUGUSTA DA SILVA		
Alcunha	Estado	casada	Profissão domestica
Data do nascimento	1901	Naturalidade	Azeitão
Filiação	Francisco Augusto Sacramento e de Maria Rosa da Silva.		
Residência	Alto do Seixalinho, Rua N.º 1-Barreiro		
Sinais particulares			
<b>BIOGRAFIA</b>			
Em 24 de Julho de 1930-Foi presa pela autoridade administrativa do Barreiro e enviada nesta data a esta Policia, sob a acusação de ser conivente ou mesmo tão perigosa como marido, Joaquim José Piteira, isto é detentora de armas proibidas e de materiais para fabrico de bombas. Foi solta em 25-7-1930. (Processo 4674).			
325-84			

## Maria da Costa (1936)

Esta doméstica, conhecida por 'Maria Mezeira', nasceu em 10 de março de 1895, no Pinhal Novo, filha de Francisco Jorge e de Maria da Costa. Residia no lugar de Valdera, no concelho de Palmela, quando foi presa, em 10 de outubro de 1936, pelo encarregado da Brigada de Caminhos de Ferro.

A sua detenção ocorreu "por suspeita de estar implicada num grave atentado cometido contra a linha férrea, entre as estações de Pinhal-Novo e Valdera (Sul)".

Esteve presa durante 6 dias, na 2.ªesquadra da PSP de Setúbal - que se situava na Av. Manuel Maria Portela -, até ter sido restituída à liberdade, no dia 16 do mesmo mês, "por terem cessado os motivos que originaram a sua detenção".

N.º 4836

Nome e alcunha *Maria Costa 'Maria Mezeira'*

Estado *Casada* Profissão *doméstica*

Naturalidade *Pinhal Novo* Data do nascimento *10 de Março 1895*

Filiação *Francisco Jorge e Maria da Costa*

Residência *Valdera do Alcade Pinhal Novo*

Outras indicações *Solla*

Número do processo de valores ou documentos apreendidos

**BIOGRAFIA PRISIONAL**

*Presa em Setúbal em 10-10-36, suspeita de autoria de atentado contra a linha férrea, recolhendo à 2.ª brig. de Setúbal. Restituída à liberdade em 16-10-36. (O. 3. 275)*

Sinais particulares *9*

--	--

Altura *1,60*

Côr. *Branca*

Nacionalidade *Portuguesa*

## Maria Fernandes Ribeiro (1938)

O Comando Distrital de Setúbal da PSP, numa conjuntura de stress marcada pelos efeitos de contágio da Guerra Civil de Espanha, entre abril e junho de 1938, desencadeou a sua maior onda de detenções políticas da década em vários concelhos: 70 (42 residiam à beira-Sado, como Salvador Pereira Amália e Carlos Alberto Ferreira Júnior). Procurava pôr termo a uma vasta rede de circulação de propaganda e de quotização comunista e anarcossindicalista, rompendo com as células antifascistas existentes no distrito.


Maria Fernandes Ribeiro, cabeleireira em Setúbal, foi presa em 2 de maio com mais 19 indivíduos. Era acusada de ser comunista, de fazer propaganda marxista e de “fazer passagem de selos para o Socorro Vermelho Internacional até na oficina de cabeleireira onde estava empregada”.

Das investigações comprovou-se que mantinha ligações com dois comunistas, Afonso Ayala e Martinho Miguel Gorducho, este último seu cunhado, e que recebeu os selos mencionados.

Esteve presa mais de três semanas nos calabouços da PSP e quase dois meses na cadeia das Mónicas. Foi libertada em 18 de julho por não se ter provado “que seja elemento organizado ou que tivesse feito propaganda”. Voltou a ser detida, em 1941, quando residia na capital, acabando condenada em 30 meses de prisão por ter armazenado propaganda “subversiva”.

Sinais pessoais

N.º 10.075  
altura 1,55  
Braça  
Nacionalidade Portuguesa



Nome e alcunha Maria Fernandes Ribeiro

Estado Solteira Profissão Cabeleireira - Modista

Naturalidade Moura (Data do nascimento 22-7-1907)

Filiação João José Ribeiro e Maria Julia Fernandes  
Residência Rua Braz Martins 9º 24 - Setúbal

Outras indicações 17. Cante do Castelo 4º 65 3/4 hº  
Proc.º 458/38 = Proc.º 1222/941 = env.º ao T.M. Fem. 17-11-41  
Mónicas (o.s. 353)

Número do processo de valores ou documentos apreendidos  
Legal.º N.º 2853 -

BIOGRAFIA PRISIONAL

Enviada pelo comando da P.S.P. de Setúbal, deu entrada nesta Direcção em 26-5-38 para averiguações, recolhendo a 1ª Esquadra (o.s. 147) Transf. para a cadeia das Mónicas em 27-5-38 (o.s. 148) Restituída a liberdade em 18-7-38 (o.s. 203) Presa por esta Direcção em 26-6-41 para averiguações, tendo recolhido a uma esquadra incomuniável (o.s. 179) Transf. para a 1ª Esquadra em 21-8-41 (o.s. 234) Transf. para a cadeia das Mónicas em 12-9-41 (o.s. 256) Julgada pelo T.M. em 25-11-41, tendo sido condenada na multa de 600.000. \$f. 1109-300 25/11/41 do ap.º do Tribunal. Restituída a liberdade em 30-11-41 (o.s. 121)

Mod. 194

**“A minha mãe claro que foi ficando cada vez mais satisfeita com o papel que as mulheres foram tendo (...) não é uma linha reta evidente, mas eu acho que há uma diferença enorme, as mulheres não podiam votar, as mulheres não podiam ir ao estrangeiro sem ter uma autorização do marido, não foi há tanto tempo assim”**

**Jorge Humberto, 63 anos**  
**(Filho e neto de antifascista)**

A large, irregular area of the bottom right corner of the page is obscured by thick, horizontal red scribbles, likely used for redaction or to indicate a specific area of interest.

## Elisabete da Conceição Fernandes Leal (1940)

Em 8 de fevereiro de 1940, esta sadina foi **detida para averiguações** pela Polícia de Vigilância e de Defesa do Estado (PVDE). A jovem doméstica de 25 anos residia, então, no n.º 25 da Avenida Almirante Reis, em Lisboa, com o companheiro, Óscar Saldanha. Cerca de uma quinzena antes, este e um outro indivíduo foram presos pela mesma polícia sob **suspeita de colaborarem com estrangeiros numa vaga de furtos** que vinham ocorrendo no Estoril.

Em causa esteve uma denúncia de um radiotelegrafista da PVDE cuja residência, em abril de 1939, foi alvo de um assalto e de onde foram roubados papéis de crédito no valor de 55 mil escudos e outros objetos. Num **gesto de evidente promiscuidade**, os recursos da polícia política foram ativados para auxiliarem uma investigação de natureza comum.

No seu interrogatório, a setubalense declarou ter viajado para o Porto, com o companheiro e outro homem, no dia seguinte àquele assalto, acabando os três encarcerados por dez dias. Em 16 de fevereiro, a PVDE considerou que **“não existem motivos para continuar presa”**, motivo pelo qual foi libertada de imediato. Óscar Saldanha e os restantes envolvidos neste processo foram remetidos para os tribunais civis para enfrentarem julgamento a fim de se comprovarem (ou não) as acusações.

Sine  
Ter  
var

N.º 12011  
Altura 1<sup>m</sup>, 595  
Cór Branca  
Nacionalidade Portuguesa

Elisabeth da C. F. Saldanha 1091 R

Nome e apelido Elisabeth da Conceição Fernandes Leal  
Estado Politéica Profissão Doméstica  
Naturalidade São Domingos (Setúbal) Data do nascimento 6-8-1915  
Filiação José Vicente Leal e de Felismina Fernandes Leal  
Residência Av. Almirante Reis n.º 25-5.º D.º Lisboa  
Outras indicações Proc.º n.º 1112/39  
Número do processo de valores ou documentos apreendidos falta  
Negativo n.º 1091 =  
BIOGRAFIA PRISIONAL  
Presa por esta Direcção em 8-2-1940, para averiguações, recolhida do estuário, esquadra incommunicavel (1539) Restituída à liberdade em 16-2-1940 (c.º 48)

REC. 194

## Maria da Conceição Tavares de Castro Miny (1940)

Em 12 de junho de 1940, a PVDE prendeu Maria Miny e Paul Miny, casal “cuja entrada em Portugal não foi assinalada por nenhum posto da fronteira”. Nos seus passaportes constavam falsamente a nacionalidade portuguesa e o grau de parentesco que os ligava. O par residia há dois anos em Bruxelas quando ao “dar-se a invasão da Bélgica pelas tropas alemãs [nazis], a depoente teve que abandonar a sua residência na companhia do marido”.

Por conhecer o cônsul de Bordéus, o célebre **Aristides de Sousa Mendes**, a azeitonense dirigiu-se com o marido àquela cidade francesa para conseguirem viajar para Portugal, sendo-lhes atribuído um **visto de viagem por 30 dias**. Numa fase em que o cônsul emitia indiscriminadamente **passaportes para salvar vidas**, o seu secretário entregou-lhes um desses documentos. Este continha erradamente a palavra “**frère**” (irmão, em francês), razão pela qual Maria Miny o rasurou, levantando suspeitas à polícia política.

Entraram no país por Vilar Formoso, em 5 de junho, com destino a Lisboa, acabando detidos uma semana depois. Maria Miny foi restituída à liberdade em 19 daquele mês, após 7 dias de detenção, ficando “**esclarecida a sua entrada em Portugal e tendo em atenção a sua anterior nacionalidade portuguesa**”. O marido foi solto em 12 de julho.

N.º 12419

Altura 1,630  
Cór Branca  
Sinais particulares *Seu uma  
serrega no dorso do  
nariz.*  
Nacionalidade *Portuguesa  
Luxemburguesa*

*Maria da Conceição Tavares de Castro Miny 13-6-1940 1499 5.*

Nome e alcunha *Maria da Conceição Tavares de Castro Miny*  
Estado *casada* Profissão *Doméstica*  
Naturalidade *Azeitão* Data do nascimento *6 de Agosto 1904*  
Filiação *Ricardo Lemos e Castro e Ana Luísa Tavares de Castro*  
Residência *rua Viriato 9.º 8-3 Lisboa*  
Outras indicações *Proc.º 9.º 972/1940*

Número do processo de valores ou documentos apreendidos *Solta*  
*negativo 9.º 1499 =*

**BIOGRAFIA PRISIONAL**  
*Preso por esta Direcção em 12-6-1940; passaporte falso, se  
colhendo a 1.ª Esquadra. (c.s. 165) Restituída à liberdade em  
19-6-1940 (c.s. 172)*

**“Quando cheguei à Bélgica (...) eles, de facto, reconheciam bem os estudantes, aceitavam, portanto, esta questão do exílio, o não ter passaporte, o não ter ido à tropa. (...) A Bélgica reconhecia muito este estatuto dos jovens que queriam fugir ao fascismo ou que fugiam de uma maneira clandestina. (...) Porque, de facto, o fascismo não dava essa liberdade [sair do país]”**

**Regina Marques, 76 anos  
(Exilada política)**



**“(...) eu andava sempre com o coração nas mãos, sempre, sempre. Eu e a minha família. (...) no dia em que eles [refere-se à PIDE] foram à casa da minha irmã, o meu cunhado andou a tarde quase toda com livros que ele [refere-se ao marido, Álvaro Dias] tinha à cabeceira, dentro de uma mala, a passear com eles na rua, que era para, quando eles fossem lá, não estarem lá.”**

**Maria Helena Dias, 89 anos  
(Esposa de Álvaro Dias, preso político)**




## Luísa Dias Soares (1948)

A prisão de Luísa Dias Soares pouco ou nada possui de **cariz “político”**. Trata-se de uma história que evidencia uma outra forma de repressão durante o Estado Novo. Revela como a GNR e a PSP recorreram frequentemente à PIDE para **incriminarem ou denunciarem determinados indivíduos por razões pessoais, vingativas ou de outra natureza.**

Esta setubalense, juntamente com mais quatro homens – o companheiro, dois sobrinhos e um vizinho –, foi acusada de, pelas 22h00 do dia **2 de abril de 1948**, na Estrada de Moscavide que efetua a ligação aos Olivais, **ter agredido violentamente um soldado da GNR** pouco depois deste ter intimado um indivíduo que se encontrava a urinar em público.

Os cinco foram entregues à polícia política, mas as investigações foram incapazes de recolher testemunhas que comprovassem as acusações de **“desrespeito e agressão à autoridade”**. Pelo contrário. **Os declarantes confirmaram a maioria dos álibis** apresentados por Luísa Dias Soares (erradamente identificada como Maria Luísa Faria), por António Jarreta (companheiro), por Guilherme da Silva (vizinho), por Carlos Soares e por Liberto Soares (sobrinhos).

Luísa Dias Soares esteve presa no **Depósito de Presos de Caxias**, entre 5 de abril e 11 de junho de 1948, sofrendo no cárcere por um crime que não cometeu.



N.º 18207

Altura 1,50  
Cór Branca  
Sinais particulares. Não tem

Nacionalidade Portuguesa

Nome e alcunha *Maria Luísa Faria ou Luísa Dias Soares*

Estado Solteira Profissão Doméstica

Naturalidade Setúbal Data do nascimento 13-9-1918 30

Filiação *Liberto Dias Soares e de Maria Luísa Fernandes*  
Residência *Rua António Maria Pais 23 - Moscavide*

Outras indicações  
*Proc.º 358/48*

Número do processo de valores ou documentos apreendidos  
*Reg.º nº 429/48*

**BIOGRAFIA PRISIONAL**

*Entregue nesta Diretoria em 5-4-48 pela G.N.P. de Lisboa para averiguações tendo recolhido ao Depósito dos Presos de Caxias (P.S.P.).  
Foi libertada em 11/6/48 (o.º 163/48)*

Med. 194 - 20 liv. c/ 200 - 8-5 944 - 2077

## Marie Germaine Martin Aubel (1949)

Esta francesa de Lille foi detida pela PIDE durante o curto período em que residiu em Setúbal. Foi, juntamente com o marido, Jean Aubel, acusada de “**entrada clandestina em Portugal e indocumentados**”. O companheiro foi preso, em 5 de maio de 1949, no Porto, enquanto a cidadã gaulesa foi presa no dia 13 seguinte.

Com o enfraquecimento da ‘**França de Vichy**’, durante a ocupação nazi, o casal fugiu por ter colaborado com a administração de Pétain. Mantiveram-se alguns meses em Espanha até entrarem clandestinamente em Portugal, em 1946, onde se dirigiram ao Comité de Auxílio a Refugiados. Esta organização, a quem deram os nomes falsos de André Rech e Marie Rech, deu-lhes apoio até que a polícia política lhes fixou residência na Ericeira.

Sabendo que seriam repatriados, “**o que aliás nada lhes convinha**”, resolveram fugir. Circularam, nos anos seguintes, por diferentes regiões, como Fátima, Entroncamento ou Olhão, contando com o auxílio de párcos por serem fervorosos católicos. Na cidade do Sado juntaram-se “**com pessoas extremamente religiosas, granjeando assim toda a proteção**”.

Marie Aubel permaneceu presa em Caxias até 13 de dezembro de 1949. Retornou à liberdade e foi encaminhada, tal como Jean Aubel, até à fronteira de Vilar Formoso para serem expulsos do país.

N.º 1938/

Altura 1,500  
Côr Franca  
Sinais particulares Não tem

Nacionalidade Francesa

Marie Germaine Martin Aubel 14-5-1911

Nome e alcunha Marie Germaine Martin Aubel

Estado Casada Profissão Doméstica

Naturalidade Lille - França Data do nascimento 13-5-1911

Filiação Alfred Martin e de Germaine ego Residência Setúbal

Outras indicações  
Proc.º 1.º 346/46  
Número do processo de valores ou documentos apreendidos  
Neg.º 1.º 11196 Reg.º 1.º 904/949

**BIOGRAFIA PRISIONAL**  
Presa por esta Direcção, em 13-5-1949, por indocumentada tendo reagido ao Depósito de presos de Caxias (0.5.136/949). Transferida a liberdade em 13-12-1949, tendo sido produzida a Transferência de Vilar Formoso (0.5.850/49).

N

Mod. 194 - 29 liv. c) 200 - 8-5-944 - 2077

**“A primeira prisão da minha avó foi na sequência do 28 de maio de 62 (...) o meu avô e a minha avó são presos no mesmo dia, vêm da praia e são presos pela PIDE (...) com 15 dias de avanço em relação aos outros, para aparentarem que ‘tinham falado’ (...) sabemos hoje que nada disso foi assim, houve ali uma denúncia [refere-se a Manuel das Dores, um elemento infiltrado na organização do Partido Comunista].”**

**Miguel Maldonado, 58 anos  
(Neto de Maria Clementina e Salvador Pereira Amália,  
ambos presos políticos e resistentes antifascistas)**

A large, irregular redacted area in the bottom right corner of the page, consisting of several thick, horizontal red brushstrokes.

## Georgete de Oliveira Ferreira (1949 e 1954)

Esta mulher foi uma das mais destacadas figuras do PCP antes e depois do 25 de Abril de 1974. Militante naquele partido desde o início dos anos 40, foi uma das promotoras das greves de maio de 1944, na Fábrica de Fiação de Vila Franca de Xira, que lhe valeram o despedimento e a clandestinidade.

Próxima de Alves Redol e de Álvaro Cunhal, tornou-se funcionária do partido, coordenando atividades no Porto, em Lisboa e em Setúbal. Protegeu casas clandestinas, fez circular propaganda, organizou paralisações laborais e colaborou com as rádios 'Moscou' e 'Portugal Livre', usando os nomes de código 'Helena' e 'Paiva'.

Em 17 de dezembro de 1949, quando residia com Dias Lourenço em Palmela, foi presa por "atividades subversivas". Os seus problemas de estômago agravaram-se com as condições prisionais, motivando o seu internamento no Hospital dos Capuchos, de onde fugiu, em 4 de outubro de 1950. Foi a primeira mulher a fugir de um cárcere do regime.

Voltou à clandestinidade no Porto, ingressando no Comité Central do PCP. Foi novamente presa pela PIDE, em 28 de dezembro de 1954, juntamente com Jaime Serra, sob a acusação de ser "funcionária do Partido Comunista Português". Acumulou diversos castigos em Caxias por "atitudes de rebeldia e de indisciplina", sendo condenada em 1957. Foi libertada em janeiro de 1959, cinco anos depois da detenção. Após a Revolução dos Cravos, foi deputada na Assembleia da República, entre 1976 e 1988.

N.º 19564

Nome e alcunha Georgete de Oliveira Ferreira

Estado Solteira Profissão Costureira

Naturalidade Vila Franca de Xira Data do nascimento 25-7-1926 ou 1925

Filiação Augusta Ferreira e de Joaquim de Oliveira

Residência Setúbal

Outras indicações Proc.º 147/49 - Proc.º 167/954 S. Juiz

Número do processo de valores ou documentos apreendidos  
Neg.º 11668 - Proc.º 147/98 - Proc.º 2036/959 - Reg.º 395/954 S. Juiz

**BIOGRAFIA PRISIONAL**

Presa por esta Direcção em 17-12-1949, em Palmela dando entrada nesta Direcção na mesma data para averiguações, tendo recolhido ao Depósito de Inss de Caxias (O.S. 337/949). Posto à disposição do Tribunal Criminal de Lisboa em 14/10/50 (O.S. 229/50). Internou no Hospital de S. Maria em 13-9-50 (O.S. 228/50) Evadido do Hospital de S. António em Lisboa em 4-10-50 (O.S. 229/50) (O.S. 229/50)

Presa por esta Direcção em 28-11-1954, tendo recolhido ao Depósito de Inss de Caxias (O.S. 365/954) Em 17-5-1955 foi posta à disposição do Tribunal Criminal de Lisboa (O.S. 169/1955)

For despacho de 20-7-1955, foi punida com a pena de 30 dias de prisão em ceda disciplinar - pena do nº 7 do art.º 359.º da Organização Prisional - porque em carta que endereçou ao Sr. Director do Depósito de Inss de Caxias, se manifestou injuriosamente, fazendo falsas acusações ao diretor clínico daquele cadeia e ainda porque tomou atitudes de rebeldia e de indisciplina para com o mesmo clínico." Internou no Hospital de Santo António dos Capuchos, em 4-8-1955 (O.S. 219/955) Alta do Hospital de Santo António dos Capuchos, em 22-8-1955 recolhendo ao D.S. de Caxias (O.S. 236/55) For despacho de 19-11-1955, punida com a pena de 9-7 de art.º 359.º da Organização Prisional - 30 dias de prisão

Altura 1,58

Côr Branca

Sinais particulares -

Nacionalidade Portuguesa

Georgete de Oliveira Ferreira 17-12-1949 11668

## Maria Clementina da Conceição Coelho Amália (1962 e 1965)

Esta setubalense foi um importante rosto que combateu o Estado Novo. Desde a década de 1940 que manteve uma intensa atividade antifascista, em conjunto com o marido, Salvador Pereira Amália, também ele várias vezes preso político. Na clandestinidade abriram casas de apoio ao PCP, nomeadamente na Damaia e no Algarve.

No decurso da mais longa detenção do companheiro (1951-1957), colaborou ativamente numa tipografia clandestina daquele partido no Porto. Dominou as artes tipográficas, contribuindo para a edição do *Avante!* e formou diversas camaradas nesta área.

Após o retorno de ambos à atividade legal, foi presa pela PIDE, na sua cidade berço, em duas ocasiões: 1962 e 1965. A primeira ocorreu após a manifestação sadina de 28 de maio daquele ano contra o salazarismo, para a qual colaborou como tipógrafa. Foi detida com figuras como Álvaro Dias e Jorge da Silva, acusada de ser uma das 'mandantes', ficando presa em Caxias de 16 de agosto de 1962 a 11 de fevereiro de 1963.

Durante a segunda prisão, que sucedeu entre 28 de abril e 3 de maio de 1965, a PIDE procurou tomar conhecimento sobre a sua atividade como funcionária do PCP, designadamente o tempo em que viveu, no Porto, com Georgete de Oliveira Ferreira.

N.º 25579

Altura 1,50 m.  
Côr branca  
Sinais particulares =  
Nacionalidade Portuguesa

*Maria Clementina da Conceição Coelho Amália*  
20.11.1915

Nome e alcunha *Maria Clementina da Conceição Coelho Amália ou Maria Clementina da Conceição Coelho*  
Estado *casada* Profissão *doméstica*  
Naturalidade *Luísa Maria da Graça - Setúbal* Data do Nascimento *16-11-1915*  
Filiação *Adriano da Costa Coelho e Adelaide da Conceição Salgado Coelho*  
Residência *Rua Tróvão Braga, 22-3º - Setúbal*

Outras indicações  
*Proc. 1059/62-1.ª Div. Proc. 1089/65-1.ª Div.*  
Número do processo de valores ou documentos apreendidos  
*Proc. 1.656/62-2.ª Div. 4.2.32/63-2.ª Div.*  
N.º *26.060*

**BIOGRAFIA PRISIONAL**

*Presa pelo Posto de Setúbal em 16-8-62, por actividades subversivas, tendo recolhido na mesma data, ao Depósito de Presos de Caxias (0.5.233). Restituída à liberdade em 11-2-63 (0.5.56).*  
*Presa pela Direcção em 28-4-65 por actividades contra a segurança do Estado, tendo recolhido ao Depósito de Presos de Caxias em 10-5-65. Restituída à liberdade em 3-5-65.*

Mod. 194 - 20 linhas x 200 ft. - 5-57 - 01177

## Aura Gomes da Silva (1967)

Esta operária de calçado de São João da Madeira tornou-se simpatizante do PCP, no início da década de 1960, através do seu primeiro marido. Estes começaram por receber imprensa “subversiva” até se tornarem militantes e entrarem na clandestinidade com a missão de arranjar uma casa de apoio ao partido.

Algum tempo após o término do casamento, Aura passou a viver maritalmente com Dinis Miranda, importante dirigente do Comité Central do PCP. Como funcionários do partido vieram para Setúbal, em maio de 1965, utilizando os nomes falsos “Maria José Gonçalves” e “Sérgio de Oliveira Gonçalves”. Estabeleceram então uma casa clandestina no n.º 20 da Praceta de Macau, no Bairro do Liceu.

Em 30 de maio de 1967, foi presa pela PIDE sob a acusação de “atividades contra a segurança do Estado”. O companheiro, dias antes, fora detido junto ao Arsenal do Alfeite. Nos seus interrogatórios, Aura negou colaborar com a publicação *A Voz das Camaradas* por ser analfabeta. Tinha como trabalho exclusivo proteger a residência clandestina. Esta foi alvo de diversas buscas, que resultaram na apreensão de grandes quantidades de livros ou “propaganda subversiva”. Esteve presa em Caxias e foi condenada nos tribunais civis, mantendo-se encarcerada até 25 de novembro de 1968.

17749  
N.º

Altura 1,54  
Cór Branco  
Sinais particulares

Nacionalidade Portuguesa

Aura Gomes da Silva - 30-5-67-22990

Nome e alcunha Aura Gomes da Silva

Estado casada Profissão operária 37

Naturalidade Data do Nascimento 26-3-1932

Filiação Domingos da Silva Leite e de Isacolina Gomes da Silva  
Residência Praceta de Macau - lote nº 3º, F.º 3º, Setúbal

Outras indicações

Número do processo de valores ou documentos apreendidos

**BIOGRAFIA PRISIONAL**

Presa pela PIDE em 30-5-67, por actividades contra a segurança do Estado, tendo recolhido ao Depósito de Presas de Lisboa - D.º 16/67 - Reg.º 1163/67 - Proc.º 1312/67. Em 23-11-67 foi colocada à ordem do Tribunal Criminal de Lisboa - D.º 16/67 - julgado em 22-1-68, pelo 1.º Juízo Criminal de Lisboa e condenada por prazo de 18 meses de prisão, na qual se dissociou a situação sufrida, na suspensão de direitos políticos por 5 anos e 500 dias de importância jurídica - julgado em 16-1-68 no Tribunal de Setúbal e condenado, após alegar a situação jurídica, na pena unitária de 18 meses e 5 dias de prisão, sendo-lhe em conta a detenção sufrida, na suspensão de direitos políticos por 5 anos e 500 dias de importância jurídica - D.º 16/67 - julgado em 25-11-68 no T.º 3º/68

Mod. 194 - 30 linhas c/ 200 It. - 5-63 - T.E.C.P.L.

## Juliana Gonçalves Pinto de Mesquita (1968)

Num processo que envolveu uma dúzia de detidos sob a acusação de “atividades e organização da seita denominada por Testemunhas de Jeová”, esta setubalense esteve presa, na cadeia de Caxias, seis dias em julho de 1968. As detenções ocorreram durante uma sessão do grupo religioso na Cova da Piedade.

A denúncia foi efetuada por um soldado do Regimento de Cavalaria n.º 7, Francisco Cainena. Este revelou que os temas discutidos ultrapassavam largamente os conteúdos bíblicos, tratando-se de “assuntos em que metia política e emigração clandestina com destino a França, principalmente de rapazes na idade de ingressarem no Exército”. Nos interrogatórios, os detidos negaram as acusações, garantindo que apenas abordavam questões da sua fé.

A sadina, que participava nas reuniões do grupo há um ano e meio, “sempre ouviu dizer que era um caso de consciência [a falta à inspeção militar]”. As investigações nada revelaram, pelo que a polícia política considerou que “talvez se não possa dar muito crédito às suas afirmações [do denunciante], pois parecem mais feitas por despeito, pois se viu preterido pela Maria Carvalho, que faz parte da seita”. Foram todos libertados mediante caução, demonstrando que tudo se tratou de uma vingança pessoal.

N.º 28151

Nome e alcunha *Juliana Gonçalves Pinto de Mesquita*

Estado *Vida* Profissão *doméstica* 56

Naturalidade *S. Julião - Setúbal* Data do Nascimento *21-2-1912*

Filiação *António Gonçalves e de Aurora Gonçalves*


Residência *Avenida Fundação, 35-2.º ET.º Cova da Piedade*

Outras indicações *de Almeida*

Número do processo de valores ou documentos apreendidos

**BIOGRAFIA PRISIONAL**

*Entrou em 26-7-68 na Direcção, pela G. N. 3. de Cova da Piedade, por actividades contra a segurança do Estado, tendo recolhido ao Depósito de Pessoas de Caxias, C. S. 21/7/68. Reg. 1073/68. Soltu em 21-7-68 mediante caução C. S. 21/7/68.*



Altura *1,48*

Côr *Branca*

Sinais particulares

Nacionalidade *Portuguesa*

**“Ser mulher nessa altura era a pior coisa que podia haver... tanto a nível de casa, como a nível de... fora. Portanto, para já a gente não ganhava (...) igual aos homens (...) tínhamos o trabalho da fábrica e ainda tínhamos o trabalho de casa, os filhos, roupa para lavar... (...) comer para ir comprar(...)”**

**Mariana Monte, 77 anos  
(Membro de movimento grevista)**

## Marina Santos Lopes Carvalho (1972)

Em 2 de abril de 1972, um agente do Posto de Setúbal da Direção-Geral de Segurança (DGS) prendeu os sadinos Marina Carvalho e Josué dos Santos na residência do casal em Cabanas. Foram acusados de “atividades contra a segurança do Estado”, dando entrada na cadeia de Caxias.

As detenções procederam de uma vingança de um agente local da DGS, Gilberto Pinto. Este era filho de um casal vizinho dos detidos que, segundo Josué dos Santos, “tudo têm feito para que o respondente e mulher saiam da referida moradia”. Alegadamente eram insultados frequentemente devido a uma disputa por um quintal de partilha comum. O marido, que fora preso político em 1970, sublinhou que essa primeira detenção resultou, igualmente, de uma denúncia daquele polícia. Um desentendimento violento entre o detido e aquele agente, no mesmo quintal, gerou trocas de ameaças e Gilberto Pinto recorreu à sua pistola para intimidar Josué dos Santos.

O prolongamento da prisão do casal, que ficou encarcerado até 11 de maio, foi justificado perante suspeitas de que se reunia com opositores em sua casa. Todavia, as investigações não asseguraram “elementos concretos por onde se possa fundamentar a acusação que lhes é imputada”, forçando a restituição à liberdade.

N.º 28724

Altura 1.62  
Côr. Branca  
Sinais particulares

Nome e alcunha *Marina Santos Lopes Carvalho - 3-4-72*  
25-809

Estado *Castela* Profissão *trab. agrícola*  
Naturalidade *Setúbal* Data do Nascimento *10-8-1922*  
Filiação *José Lopes Carvalho e Ana Maria Teófilo*  
Residência *Av. Visconde de Topal, 1.º, Cabanas - Setúbal*

Outras indicações  
*Cliche 25809*

Número do processo de valores ou documentos apreendidos

**BIOGRAFIA PRISIONAL**  
*Pris. pela Direcção-Geral em 2-4-1972 por act. contra a segurança do Estado, recolhido à Cadeia de Caxias. O.S. nº 1240. 176-920. 135/72. D.S.J. O. Solto em 11-5-1972. O.S. 129/72.*

Ind. 194 - 30 livros e/ 200 fls. - 5-63 - T.E.C.P.L.

## Maria de Fátima Correia da Cruz Neves (1973)

No âmbito da pré-campanha da CDE (Comissão Democrática Eleitoral), para as eleições de outubro de 1973, esta decoradora setubalense foi presa pela PSP de Loures, em 22 do mês anterior, em conjunto com mais seis pessoas. A GNR prendeu outras dez.

O grupo, onde se destacam José Manuel Tengarrinha e Herberto Goulart da Silva, foi acusado de **“integrados numa caravana automobilística, andarem a distribuir panfletos de carácter subversivo”**, designadamente o panfleto **“Aos Democratas do Distrito de Lisboa”**.

Através dos interrogatórios, compreende-se que Maria Neves e o marido (Eduardo Neves), residentes em Lisboa, garantiram não colaborar com a CDE. Todavia, o é que factual é que, na tarde de **22 de setembro daquele ano**, após terem almoçado com amigos (alguns também detidos), se dirigiram, da Calçada de Carriche a Loures, num conjunto de 50 viaturas **“de apoio às candidaturas dos deputados pela oposição democrática”**. As autoridades, em posições estratégicas, travaram os intentos da campanha e prenderam 17 participantes.

Os resultados das investigações foram **“insuficientes para fundamentar a acusação”**, pelo que o casal foi libertado da cadeia de Caxias, cinco dias depois da detenção, mediante o pagamento da caução no valor de 20 mil escudos e termo de identidade.

N.º 29230

Nome e alcunha Maria de Fátima Correia da Cruz Neves

Estado Casado Profissão Decoradora 25

Naturalidade Setubal Data do Nascimento 24-10-1948

Filiação José Vital da Cruz e de Luícia Correia da Cruz  
Residência Calçada do Norte, 33 - caud. Esq.º Lisboa

Outras indicações Cliche 26538

Número do processo de valores ou documentos apreendidos \_\_\_\_\_


**BIOGRAFIA PRISIONAL**

Substancie nesta direcção em 22-9-73 pela S. P. de Loures por actividades contra a soberania do Estado, tendo recolhido a Cópia dos Autos U. S. 271/73 - Reg. 607-Rac  
Sella em 27-9-73 mediante Caução de 20.000.  
U. S. 276/73

Altura 1,61  
Cór Morena  
Sinais particulares \_\_\_\_\_

Nacionalidade Portuguesa

Maria de Fátima Correia da Cruz Neves  
24-10-48 = 26538



**“(...) então, depois veio o 25 de Abril... Eh porra! Foi uma coisa...  
Uma alegria, uma alegria, uma alegria! Até fazia gosto naquilo!”**

**“(...) antes do 25 de Abril, andava com a boca fechada e muito bem  
fechadinha (...)”**

**Antónia Carvalho, 88 anos  
(Membro de movimento grevista)**

# Memória Oral

## Sisaltina Maria dos Santos (1926 - 2017)


Nasce em Sines, tendo-se sediado em Setúbal após o 25 de Abril. Casada com Américo Leal, um resistente antifascista e preso político. Sisaltina rapidamente assume um papel preponderante na luta antifascista com o marido. Foi nas casas clandestinas que desenvolveu os seus conhecimentos, aprofundando temas como a política e consequentemente os direitos e interesses comuns.

Um dos nomes que utilizava para escrever para a *Voz das Camaradas* (primeiramente *3 Páginas*) seria o de Zulmira.

Transitou com o seu marido por várias regiões do país, onde desempenhou um papel ativo de suporte e manutenção das casas clandestinas e tipografias, tendo sido presa pela PIDE, na Covilhã, em 1958. O primeiro filho tinha já sido entregue a familiares. Contudo, à data da sua prisão, o filho mais novo, com apenas dois anos, acompanhava-a. Cresceu na prisão e na clandestinidade.

“(...) eles [refere-se à PIDE] também sabiam através dessa pessoa [refere-se ao denunciante] que eu não tinha atividade política. A atividade política que eu tinha era a defesa da casa. Era estar vigilante, aperceber-me do que se passava na rua, se visse alguma coisa suspeita dizer aquilo que me apercebia, para ter de se tomar medidas e (...) estar sempre vigilante, e também nalguns casos ajudar a certos trabalhos que se faziam lá em casa (...) às vezes tiravam-se manifestos lá em casa (...) Ajudava quando se fazia isso lá em casa, fizemos lá alguns jornais (...) algumas vezes também fui pôr sinal para outras pessoas irem lá (...)”

(Presas Políticas, entrevistada a 12 de fevereiro de 2009)



Sisaltina Maria dos Santos 5-12-58 16711 P.

N.º 23399

Altura 1,55

Côr Branca

Sinais particulares —

Nacionalidade Portuguesa

Nome e alcunha Cesaltina Maria dos Santos

Estado Casada Profissão S. / profissão

Naturalidade Sines Data do nascimento 5-4-1926

Filiação Joaquim Gregório e de Maria Antónia dos Santos

Residência Covilhã - Lugar da Borracheira - Fouzadinha

Outras indicações

Roe.º n.º 1.211/58 D. Lu.

Número do processo de valores ou documentos apreendidos

Negativo 16711 Reg. n.º 1.903/958 D. Lu.

**BIOGRAFIA PRISIONAL**

*Presa por esta Direcção em 3-12-58 por actividades subversivas, tendo recolhido ao Depósito de Presos de Cascais (D.º 5.341/958). "Oms 29-5-59 foi posta a ordem do Tribunal Criminal da Comarca de Lisboa (D.º 5.150/59) Punida por despacho de 5-5-59 do Excmo. Sr. Director, com a pena do n.º 25 de art.º 359.º da Organização Prisional, de 2 dias de proibição de exercício ao ar livre, por ter revelado procedimento indisciplinado, tornando, juntamente com outras detidas, uma atitude de desagrado pela advertência feita a outra detida pelo guarda encarregado da vigilância. Esta atitude consta da participação que o acompanhador o ofício n.º 103/55-P.º de 25-4-59 do D.º P. de Cascais (Of.º 1485/55 D. Lu.). Inciu o castigo em 8-5-59. (Of.º 116/59-P.º de Cascais). Punida por despacho de 26-8-59 do Excmo. Sr. Director, com a pena disciplinar de proibição de exercício ao ar livre por espaço de 2 dias, nos termos do n.º 5.º do art.º 359.º de Decreto-Lei n.º 26643 (Organização Prisional) por no dia 5-8-59, pelas 12 horas, ter alterado o senão indispensável ao estabelecimento prisional onde se encontra, e ainda, ao ser advertido no sentido de retornar a devida compostura, ter se recusado a obedecer, desobedecendo assim às disposições regulamentares. (Of.º 358/59-P.º do D.º P. de Cascais e 3.117/59 D. Lu.)."*

*"Julgada em 29-8-59 pelo Plenário do Tribunal Criminal da Comarca de Lisboa, tendo sido condenada, em substituição da aplicável, na pena de 2 anos de prisão e na de suspensão dos direitos políticos durante cinco anos, e no mínimo de imposto de justiça, sendo ela de*

Mad. 194 - 20 livros e 200 fl. - 23-4-947

3

PÁGINAS

PARA AS CAMARADAS DAS CASAS DO PARTIDO

OS PRINCÍPIOS A QUE OBEDECE  
A ORGÂNICA DO PARTIDOPor Manuela

Lenin disse no seu livro "Um passo em frente dois passos à recuar": "O proletariado não tem outra arma na sua luta pelo poder a não ser a organização... O proletariado pode tornar-se e tornar-se é - inevitavelmente - uma força invencível apenas porque a sua unidade ideológica baseada nos princípios do marxismo é cimentada pela unidade material da organização..."

A forma superior de organização do proletariado é o Partido Comunista. O Partido Comunista é a parte mais avançada e consciente da classe operária e, contando com o apoio do resto da classe, dirige-a na sua luta pelo Socialismo. O Partido Comunista guia-se por uma teoria de vanguarda - o marxismo-leninismo - e a sua orgânica funciona de acordo com os princípios do centralismo democrático.

O que é o centralismo democrático?

Qualquer camarada do Partido consideraria um absurdo a ideia de ver cada comunista pensando e agindo de sua maneira, independentemente dos outros, guiando-se exclusivamente pela sua cabeça. Todos compreendemos que o Partido tem de ser um todo, de agir como se fosse um só homem. E para que isso seja possível é preciso obedecermos todos a uma disciplina rígida. Assim, cada militante tem de aceitar e levar à prática as resoluções dos organismos superiores e do seu próprio organismo. As resoluções dos organismos superiores devem ser discutidas para a sua perfeita compreensão e se porventura houver um camarada que discorde delas ele deve fazer francamente a sua crítica, não deixando por isso de ficar obrigado a obedecer a tal resolução. Antes de um organismo tomar uma resolução, ela é discutida e criticada pelos camaradas desse organismo, todos contribuem para ela; e depois dela ser tomada, quer por unanimidade (como acontece geralmente) quer por maioria, todos os camaradas do organismo ficam obrigados a obedecer-lhe.

Compreendo-se como é justa esta disciplina. Sem ela o Partido deixaria de ser "uma unidade de acção e vontade". Sem ela seria impossível levar à prática a orientação política do Partido.

Há alguns aspectos do princípio da democracia interna do Partido (que é um dos aspectos do centralismo democrático) que ainda não se podem aplicar totalmente ao nosso Partido devido às condições de clandestinidade em que somos forçados a viver. É o caso das eleições dos dirigentes em todos os escalões e da prestação de contas da sua actividade pelos membros do Partido perante as organizações. Isso exigiria amplas e frequentes reuniões, desde os plenos das organizações até Congressos do Partido. Todos compreendemos que hoje isso é impossível, que em primeiro lugar é preciso defender (Cont. na Pag. 2)

## Editorial

Se estais há pouco tempo numa casa do Partido, amiga, é natural que sintas alguma dificuldade em te habituares ao novo tipo de vida que passaste a fazer.

A vigilância permanente da casa, o cuidado com todas as pequenas coisas ligadas à sua defesa, a administração do salário e tantos outros aspectos ligados à tua tarefa, em que até aqui não pensavas passar a absorver-te a atenção e a preocupar-te agora constantemente.

A par das tuas novas preocupações, porias também na tua preparação política porque tu tens, certamente, uma grande vontade de estudar e aprender, de te desenvolveres como quadro do nosso Partido.

E assim, mais uma coisa em que pensar e também mais uma dificuldade se levanta: Como organizaras as coisas de modo a teres tempo para tudo?

Não te vamos dizer que tudo é simples, querida camarada, mas não desanimas, não te julgues incapaz de acertar e de vencer as dificuldades que se encontram. Elas são naturais, isso não se dá só contigo.

Todos nós, qualquer que seja a nossa tarefa, sentimos dificuldades nos primeiros momentos. É a melhor forma de as levarmos de vencida e trabalharmos n'esse sentido.

Naturalmente terás que pensar um bocado até encontrares um método, aquele que te pareça mais adequado, que te permita distribuir o tempo, de forma tanto quanto possível conveniente, entre os trabalhos caseiros, outros trabalhos que te sejam confiados e a tua preparação cultural e política que não deves esquecer.

Para que um método, qualquer que seja, dê resultado não deve, parece-nos, ser rígido e deve ser estabelecido de acordo com a tua própria facilidade de adaptação a ele, pois dessa forma não te cansarás e habituar-te-ás a (Continua na Pag. 2)

## Cartas das Camaradas

Queridas camaradas

Por Rosa Maria

Há bastante tempo que ando para escrever para "3 Páginas". Passou-se mesmo bastante tempo depois das minhas duas colaborações. Hoje custa-me dizê-lo, mas é mesmo assim. Ora quais foram as razões que me levaram a este amolecimento?

1º - Descer por vezes das minhas possibilidades, aliado a um complexo de inferioridade que ainda não consegui eliminar.

2º - Incompreensão do papel e importância de "3 Páginas" que tem existido em mim, embora saiba da sua grande ajuda a todas as camaradas, transmitindo experiências e desenvolvendo-nos como quadros.

Ora, queridas camaradas, parece-me que estes dois pontos que estão bem vinculados são a causa principal da minha fraca colaboração e creio que de outras camaradas.

Depois de reconhecer as minhas principais deficiências - razão porque não tenho colaborado em "3 Páginas" - não seria justo apressar razões secundárias, por me parecer que isso seria da minha parte querer justificar as minhas próprias incompreensões. Portanto será na prática que poderei mostrar que estou consciente das minhas deficiências e disposto a trabalhar de maneira a ser mais útil ao nosso Partido.

Portanto recomeço desde já a escrever para "3 Páginas", dando assim a minha ajuda para o nosso jornal melhor possa desenvolver a sua missão e não só por isso, como também por compreender que éna medida em que a gente se esforça bastante que se desenvolve, porque isso nos obriga a pensar e a estudar.

Por último quero referir-me ao apelo lançado pela camarada Manuela, sobre a "Campanha de estudo político", e quero também saudar-te querida camarada, pela tua iniciativa, porque a considero de grande valor para o nosso desenvolvimento, para melhoria do nosso jornal e por conseguinte de grande ajuda ao nosso Partido. Porque éna medida em que nós nos desenvolvemos politicamente, que poderemos adquirir uma maior consciência de classe, um mais alto nível ideológico e só então sentiremos poderemos tomar-nos mais úteis e defender melhor o nosso Partido.

## PEQUENAS OBSERVAÇÕES AS CARTAS DAS CAMARADAS

Nas suas cartas às camaradas Zulmira e Rosa Maria apontam as razões da sua falta de colaboração em "3 Páginas" baseando-se a primeira nas suas grandes dificuldades e a segunda nas suas incompreensões. Compreendemos as razões apontadas, mas julgamos que na origem da não colaboração deve estar um deficiente auxílio da parte dos camaradas que ambas as amigas, especialmente a camarada Zulmira, têm recebido.

Assim perguntamos: Tem a nossa camarada sido auxiliada, de forma eficiente, na leitura dos vários materiais do Partido, de modo a compreendê-los? Tem sido estimulada a auxiliada, como deve, a vencer todas as suas dificuldades? Crescem que não, visto que a amiga nem sequer tem conseguido dispor de umas horas por dia para estudar. E nestas condições é de admirar que a nossa camarada não se sinta capaz de colaborar no seu jornal? Da mesma forma foi a camarada Rosa Maria auxiliada a vencer as suas incompreensões e o "complexo de inferioridade" que "ainda não eliminou"? Crescem que se o tivessem sido, (cont. pag. 4)

Queridas amigas

Por Zulmira

Já algumas vezes me tem sido exposto ou escrever para "3 Páginas" e eu ainda o não tinha feito apesar de algumas vezes me ter sentado à mesa e pegado no papel. Começava a escrever mas depois de ler achava que não estava bem.

Encontro-me muito atrasada por falta de estudo e de ler mais os nossos materiais, o que até aqui tenho feito com muita irregularidade. Por tal motivo, tenho muita dificuldade em passar para o papel aquilo que me vem ao pensamento.

No entanto, quero dizer-lhes que tem sido uma falta de dedicação pelo estudo, prometendo dedicar-me com mais afin, e agendar mesmo tirar algumas horas durante o dia para estudar.

No entanto, gostava de saber como as amigas começaram os primeiros estudos. Gostava de começar por coisas que eu compreendesse depressa, para assim me despertar entusiasmo, porque tenho muita falta de entusiasmo de leituras de materiais que ainda não compreendo.

Custo de me desenvolver, pois na medida em que adquirir melhores conhecimentos melhor poderei dar uma ajuda ao nosso jornal.

Ao terminar saúdo todas as amigas das casas do Partido, desejando progressos ao nosso jornal.

# Tela Tar

Por Ildia

Nem a regressão nem o terror exercido nos países capitalistas contra os partidários da Paz, têm impedido que o seu movimento se amplie e que em conjunto com os lutadores pela Paz de todo o mundo tenham contribuído para os grandes êxitos alcançados neste campo. Não há povo nenhum no mundo que deseje a guerra, pois todos sabem que não é ali que está a solução para os seus problemas, que com ela só lucram os grandes monopolistas; por isso, sem olharem - sacrifícios, eles se empenham com ardor à luta em defesa da Paz.

É devido aos esforços dos partidários da Paz de todo o mundo, tendo à cabeça a gloriosa União Soviética, que o imperialismo é obrigado a ceder e se têm conseguido grandes vitórias, tais como: o armistício da Coreia, a Conferência de Berlim, a Conferência de Genebra, onde esteve representada a R.P. da China e onde se chegou a acordo para pôr fim à guerra na Indochina, e ultimamente a nova ratificação do tratado da O.E.B. pela França que os americanos são forçados a reconhecer como uma tremenda derrota do imperialismo. Isto mostra bem como o imperialismo (cont. na pag.2)

## 3 PÁGINAS

PARA AS CAMARADAS DAS CASAS DO PARTIDO

### EDITORIAL

O nosso Partido assinala neste momento uma importante vitória política. A orientação do Partido Comunista em relação a Goa, Damão e Diu orientada baseada no reconhecimento do direito de autodeterminação dos povos, na defesa da Paz e da amizade entre os povos, e no espírito da Negociação, foi aceite pelas massas, pelas forças democráticas da Paz e pelos povos de Goa e das outras colónias portuguesas. Isto mostra mais uma vez como o Partido é o intérprete das anseios do povo português e dos povos colónias.

O Partido soube esclarecer o povo português desmascarando a política de guerra, de submissão ao imperialismo e de opressão colonial do salazarismo e o seu falso patriotismo. O Partido elevou o seu nível ideológico, ajudou a radicalização das massas e ligou-se mais a elas.

Os Partidos Comunistas irmãos e as forças progressistas internacionais apoiam a justa linha do Partido, como o provam as referências feitas na imprensa de vários países, incluindo transcrições da "Declaração" do Partido "A revista Labour Monthly" do E.C. Inglês, por exemplo transcreveu na íntegra a "Declaração" do Partido.

Tudo isto representa o aumento da influência ideológica e do prestígio do Partido e reforça a confiança que nele têm as massas.

As acções de massas de desenvolvimento e o recuo do fascismo - dizendo aceitar a ideia das negociações e recusando a organização de "manifestações" e na história de guerra contra a União Indiana, mostram a prática a luz da linha do Partido e as possibilidades de alargar cada vez mais, e em todos os campos, a luta contra o salazarismo.

## Colaboremos em "3 Páginas"

Por Helena

Quando o nosso "3 Páginas" começa a demorar, vou dar uma vista de olhos pelos números antigos, para matar saudades.

A cada nova leitura, como a minha experiência da vida dentro uma casa do Partido vai aumentando e me vou apegando mais ao estudo, eu noto novas coisas e presto maior atenção a artigos que antes me não tinham despertado tanto interesse.

Foi uma destas vistas de olhos que fez com que esteja agora aqui a escrever. O facto de em todos os números virem referências à deficiente colaboração por parte das camaradas, e incitamentos para as eliminarmos esta nossa deficiência, lembrou que uma das razões da demora deste novo número pode muito bem ser não haver artigos que cheguem para ele. E olhando para mim tive de reconhecer que se todas as camaradas tivessem feito como eu, não havia nem um artigo na redacção, de há 6 meses para cá.

Esta é a verdade, amigas, se vou tendo uma maior compreensão dos problemas do nosso Partido, se vou compreendendo melhor as minhas tarefas, se me vou dedicando mais ao estudo, há no entanto algumas questões que continuo a subestimar na sua importância, e uma delas é a questão da colaboração na imprensa do nosso Partido, o que escrevemos pode não ser aproveitável para a nossa imprensa, ou pode-o ser só numa pequena parte mas, (cont. na pag.2)

**É NECESSÁRIO INTENSIFICAR A LUTA PELA PAZ** - (cont. da pag.1) -realismo, em especial o norte-americano, se sentem a cada vez mais isolado, restando-lhe apenas o apoio daqueles governos que para conseguirem manter-se no poder contra a vontade dos seus povos, lhe entregam o país em troca de armamentos.

Nas todas estas situações não nos devem levar a pensar que o objectivo está alcançado, que portanto não há mais nada a fazer pelo contrário, o perigo dum novo guerra subsiste e só a intensa luta dos povos impedirá que o imperialismo se lance em novas aventuras.

Com o fim das guerras da Coreia e da Indochina, para onde o imperialismo americano canalizava o seu material de guerra, pretendendo dessa maneira atenuar a crise que já alastra nos E.U., ele tem necessidade de criar novos focos de guerra. É por isso que, por exemplo, anima veladamente o governo de Salazar para que pela força das armas se oponha à luta libertadora dos povos de Goa, Damão e Diu, com o intuito de continuar a manter as suas bases militares contra a Índia, e poder vender mais material de guerra. Desta vez o povo português será sacrificado, se não se unir e intensificar a sua luta pela Paz e pela Negociação, pois como se provou na Conferência de Genebra não há problemas em litígio que não possam ser solucionados por meio de negociações.

Se tivermos em conta os progressos dos países que se libertaram do capitalismo e desejam sinceramente a Paz, melhor compreenderemos a necessidade de intensificar a luta pela Democracia e pela Paz. Enquanto nesses países se trabalhava incansavelmente para a elevação do bem estar do povo, nos países capitalistas a regressão vai sobre os trabalhadores que lutam pela satisfação de suas justas aspirações.

Enquanto os imperialistas só pensam em armas de destruição, a U.Soviética põe a energia atómica ao serviço da humanidade, construindo a primeira Central Eléctrica Atómica que contribuirá para elevar ainda mais o nível de vida do seu povo e dando mais uma prova de como são sinceras as suas propostas de Paz. Para que o povo português tenha uma vida mais risonha e feliz, é preciso intensificar a luta pela Paz e pela Unidade, correr com a camarilha salazarista do poder e instaurar em Portugal um governo Democrático de Unidade Nacional. Intensifiquemos a luta e a vitória será nossa!

### Colaboremos em "3 Páginas"

(cont. da pag.1)

mesmo assim, o nosso estudo e o nosso desenvolvimento como quadros do nosso Partido é que estamos sempre a ganhar, pois ficamos com uma ideia mais firme dos problemas que tratamos e seremos corrigidas nas falhas ou incompreensões que mostrarmos.

Reconheço distintamente que não tenho dado a verdadeira atenção a este problema, mas vou corrigir esta minha deficiência daqui para o futuro.

Para o nosso "3 Páginas" já tenho em conceito um artigo sobre a "Campanha de Estudo" mas antes dessa irá outro sobre um problema muito importante nas nossas casas, que é o problema da saúde e me foi sucedido por uma experiência por que passei há pouco.

#### A M I G A

Procura organizar o teu trabalho de modo a poderes guardar todos os dias algumas horas para o estudo.

Procura escrever alguma artigos sobre esse estudo e sobre a tua experiência de luta, contribuindo assim para o melhoramento e a saída regular do nosso jornal.

## As lutas das camponesas DO ALENTEJO

Por Ildia

A mulher camponesa é a mais mal paga e explorada no seu trabalho. Debaixo dum trabalho bastante duro, ao frio, ao vento, ao sol, e à chuva, para ao nascer do sol e ao pôr do sol, não ganha nada.

Quando salários de fome, a mulher camponesa vê-se cada vez mais atingida pela miséria. Hoje, mais consciente do que antes, compreendendo que só por meio da luta unida consegue arrancar dos mãos do patrão uma jornada melhor e ver resolvidas as suas reivindicações, a camponesa alentejana não hesita e luta vigorosamente.

Apoiadas em dezenas de Comissões de Unidade têm conseguido vitórias e desmascaram os seus inimigos. Para impedir a luta das valentes camponesas, o governo, em lugar de tomar medidas em sua defesa, apoia os grandes agrários e intensifica cada vez mais a repressão contra o povo. Assim, quando as camponesas vão reclamar uma jornada melhor junto do patrão, são recebidas pelas autoridades com insultos e ofensas. Ao fazeres uso das armas e atirando a torto e a direito contra o povo indefeso, as autoridades foram ao ponto de assassinar em Beja uma camponesa só pelo facto desta querer Paz e Paz. É assim que os covardes se vão desmascarando cada vez mais.

Apesar de toda a repressão o povo não recua nem se amedronta e enfrenta com sangue-frio todo este terror, consciente de que só pela luta unida e firme resolve as suas justas reivindicações.



N.º 7 DEZEMBRO 1956  
**MAIS UM ANO de cativo**

- POR MARIA IBER -

É passado mais um ano e continuas nas memórias salazaristas, querido camarada Álvaro Cunhal!

Os trabalhadores portugueses e especialmente o Partido Comunista, sua vanguarda, certos da presunção de vitória, a trabalhar conjuntamente com os outros democratas que como tu estão a lutar, traziam à causa da Democracia, da Conciliação e da União da Família Portuguesa, lutam com desânimo pela tua libertação, para que tu vejamos nas primeiras fileiras dos combatentes da Paz.

Apesar do feroz isolamento a que injustamente te condenaram, não te encontras sozinho! Junto de ti está a grande dedicação e amor dos trabalhadores portugueses. A data do teu aniversário já não passará despercebida daqueles que lutam pela Paz, pelo progresso e por uma vida sem privações!

O povo português faz votos para que todos os democratas que se encontram sujeitos às torturas dos cárceres resistam a elas, para que num dia que em breve soar, venham novamente para o seu posto de combate. Para te provarmos que assim é, está a maneira arrazada como se luta para impedir a tua deportação, bem como a de todos os outros democratas, para o novo campo da morte lenta que agora funciona no BIC. Não se receiam os perigos, enfrentam-se com coragem e heroísmo quando se vão fazer inscrições nos lugares públicos para tornarem conhecidas de toda a população as criminosas intenções do bando de assassinos da PIDE - polícia de Salazar.

O povo português, unido numa Frente Nacional Anti-Salazarista e lutando titanicamente, há-de encontrar forças suficientes para quebrar para sempre as algemas que lhes foram postas pelos seus verdugos. Nós, camaradas, democratas com por cento, como membros do Partido que somos, sentimos mais do perto a ameaça que pesa sobre todos os democratas, pois não ignoramos quanto difícil e rancor nos é votado pela camarilha salazarista.

Para sermos dignos da confiança que o povo em nós deposita, e do lugar que ocupamos no nosso Partido, devemos estar cada vez mais atentas a tudo que se relaciona com a nossa situação partidária, desenhando a nossa missão (cont. na pág. 2)

Agrava-se a situação do povo  
**FORTALECE-SE A UNIDADE!**

- POR ZULMIRA -

As recentes manifestações que se realizaram em todo o nosso país na comemoração da grande data do 5 de Outubro, demonstraram mais uma vez o grande desejo de todas as camadas da população de viver uma vida melhor, mais feliz e de Paz, num Portugal livre e democrático com um governo que se interesse pelo bem estar do povo e de solução aos seus graves problemas.

É que na verdade, apesar de no nosso país estar implantado um regime com o título de "República", não só o é no nome. Liberdades não existem. O que existe, sim, é cada vez mais repressão daqueles que defendem os poucos direitos que a lei lhes confere. É isto acontece porque no nosso país o governo é uma ditadura de grande capital em que cada dia mais os seus governantes procuram espoliar os sagrados direitos do povo perseguindo-o, prendendo-o e maltratando-o, ao mais leve protesto de descontentamento contra uma situação tão precária, que se agravará a dia e para a qual o governo é incapaz de dar solução. Assim, em cada dia que passa, alastra mais a miséria e o desemprego, fecham-se fábricas e milhares de operários vêm para a rua, aumenta a fome e a doença. Esta é a situação dos operários, mas todas as outras camadas da população vivem uma vida difícil. Com ordenados baixos, em frente a carência da vida que continua a aumentar, sem terem garantias no trabalho, na doença, na velhice, todas as camadas da população vivem uma vida de hesitações e de incertezas.

Por isso se nota cada vez mais, o grande desejo de unidade e de luta por uma vida melhor e feliz, de trabalho assegurado e por um governo realmente democrático que se interesse pelo bem estar do povo e da Nação.

Viva a UNIDADE!

**Memória Oral**



**Antónia Carvalho**

Aos 88 anos, recorda a sua chegada a Setúbal aos 19 anos, onde explorou vários setores de atividade, desde a indústria à agricultura. Destaca o trabalho com ostras, que adorou e lhe permitiu construir a sua casa.

Um percurso de vida marcado por desafios, como a prisão do seu marido durante uma manifestação por melhores condições de vida, tendo sido Antónia a deslocar-se a Lisboa, com um filho menor, para o libertar após cinco meses de prisão. Foi com o apoio financeiro do Partido Comunista e de um jovem desconhecido que conseguiu libertar o marido.

Antónia envolveu-se também na distribuição clandestina de propaganda, aproveitando a confusão da troca de turnos na fábrica Signetics. Era o seu marido, que trabalhava na SAPEC, que os providenciava. Em 1974, participou ativamente numa greve de cinco dias na Signetics, exigindo melhores condições de trabalho.

Com a Revolução do 25 de Abril de 1974, celebra a conquista de direitos e orgulha-se do seu papel ativo, tornando-se militante do Partido Comunista.

"(...) não, isso não fiz nada [refere-se ao tempo em que trabalhou nas fábricas de conservas] (...) amochei-me lá como as outras, fazia o que podia..."

(Antónia Carvalho, 88 anos | Membro de movimento grevista)

A Voz das Camaradas, n.º7 dezembro de 1956, capa, Arquivo Histórico do PCP. Destaca-se o artigo de Zulmira, Sisaltina Maria dos Santos.





**Memória Oral**

## Mariana Monte

Nascida em Serpa, tem 77 anos. Mudou-se para Setúbal aos 18 anos em busca de melhores oportunidades. Participou numa greve na Fábrica Vasco da Gama, onde foi acusada de ser a cabecilha.

Mariana, contudo, afirma que apenas fazia parte de um coletivo de mulheres que lutavam por melhores condições de trabalho. Especificamente, após um aumento salarial negado, iniciaram uma “Greve de Zelo”, produzindo abaixo da capacidade para pressionar a administração.

Confrontada, pela PIDE, com ameaças e aconselhada a pensar na filha, Mariana é forçada a deixar a fábrica, mas continua ativamente a participar em movimentos grevistas, juntamente com outras mulheres.

Após a Revolução do 25 de Abril, Mariana integra o sindicato, momento em que o seu marido toma conhecimento do seu envolvimento em movimentos grevistas durante o regime fascista.

“Nessa greve, mais tarde, [refere-se aos dias que se seguiram à greve da Fábrica Vasco da Gama.] continuámos a fazer as mesmas latas que fazíamos antes, na greve, e ele chamou a GNR. Subimos, corremos à frente dos cavalos por aquela subida (...) que ia dar à Bela Vista, e eles andavam atrás de nós com os cavalos, e com os cães (...) no dia seguinte já não fui trabalhar.”

(Mariana Monte, 77 anos | Membro de movimento grevista.)

# TRABALHADORES! INTENSIFIKAI AS VOSSAS LUTAS

### OS TRABALHADORES DA TEXTIL DEVEM DEFENDER OS SEUS INTERESSES

A Indústria Têxtil está em crise. Quais as causas desta crise? As causas desta crise residem na política económica do governo voltada para a exportação, aliada à ganância dos industriais, à redução do mercado exterior, ao baixo poder de compra do povo, à acção dos grandes bancos, à política de concentração industrial, à penetração imperialista no nosso país. Varias empresas fecharam as suas portas, ignorando a situação em que ficava o seu pessoal. Outras passaram a laborar 5 e 4 dias por semana. Os salários dos trabalhadores, demasiado baixos, quando foi elaborado o último contrato colectivo, estão hoje muito mais reduzidos no seu poder de compra, em face do incessante aumento do custo de vida. Os industriais e o governo fascista, responsáveis pela actual situação, não querem ouvir falar em aumento de salários nem noutras reivindicações dos têxteis.

Que devem fazer os trabalhadores desta indústria? Tomar a peito a defesa dos seus interesses. Fechem empresas? Reduzam-se os dias de trabalho? É necessário organizar a luta contra o desemprego, seja a qualquer ordem pão ou trabalho. São baixos os salários? Os operários têxteis não podem renunciar à luta por aumento de salários, como não podem desistir da luta por melhoria de outras reivindicações. Eles não podem fazer a jogo dos industriais e do governo.

Em face do desemprego, dos baixos salários, dos roubos, das multas e castigos, da falta de protecção no trabalho, de falta de assistência, das má formas de exploração, os operários têxteis só têm o caminho da luta. Luta nas empresas e no sindicato pela conquista das suas reivindicações. Luta que se baseia na sua unidade e organização.

Só assim poderão fazer triunfar as suas mais legítimas aspirações.

### Concentrações de trabalhadores POR AUMENTO DE SALÁRIOS

Fábrica de papel de Oeiras

Os operários e operárias desta empresa fizeram duas concentrações nos escritórios para reclamar aumento de salários.

Na tentativa de intimidar os trabalhadores, o patrão tem-se servido de todos os estratagemas, chegando a referir-se à prisão de um antigo operário da fábrica pela PIDE em meados do ano passado.

Para responder às ameaças veladas do patronato e forçá-lo a atender sem demora a sua reivindicação, os trabalhadores só têm um caminho: reforçar a sua unidade e prosseguir corajosamente a sua acção.

Sociedade Estoril

Para reivindicar aumento de salários, os trabalhadores fizeram uma concentração nesta empresa.

A melhoria substancial de salários é um problema vital para os trabalhadores da Sociedade Estoril.

Este potentado ferroviário elevou, há alguns meses, com o acordo do governo, o preço dos bilhetes de passageiros e dos depósitos de embrulhos e mercadorias, aumentando assim, substancialmente, o nível dos seus lucros.

Entretanto os potentados da Sociedade Estoril resistem à reclamação do seu pessoal para que lhe seja concedido um aumento de salários, correspondente à subida do custo de vida.

Trabalhadores da Sociedade Estoril! Persisti na luta até à satisfação das vossas reivindicações.

Realizar novas e mais potentes concentrações junto da gerência e do sindicato.

Onde está o contrato colectivo das conserveiras

Voltaram a reunir-se a Corporação das Conserveiras e os dirigentes sindicais, que de novo analisaram o problema do contrato colectivo das operárias conserveiras prometido há mais de dois anos. Mas já agora não há novas nem mandado de contrato.

## NOVAS GREVES — NOVAS PARALISAÇÕES por aumento de salários

Em empresas e classes profissionais os trabalhadores lutam activamente por melhores condições de vida.

**OLHÃO** — No passado mês de Maio as valentes operárias deste importante centro da indústria de conserva de peixe, fizeram greve durante dois dias em apoio de sua reivindicação de aumento de salários.

Abandonado o trabalho centenas de operárias sentiram-se nos passeios das ruas, junto das fábricas e na estrada que liga Olhão a Faro, dificultando e obrigando mesmo a paralisar o trânsito. Esta original forma de luta chamou a atenção da população para a greve das conserveiras.

**SETÚBAL** — Ao tomar conhecimento da luta das suas camaradas de Olhão, as conserveiras de Setúbal lançaram-se

também em greve, resultando um aumento de 150 por hora, isto é, de 690 para 840.

Ào fim de alguns dias de greve alcançaram uma vitória, obtendo um aumento de 150 por hora.

No decorrer desta importante luta lutaram lado a lado os trabalhadores, cuja libertação pouco depois mostrou mais uma vez que quando a luta é massiva e se trava com firmeza e determinação os interesses dos trabalhadores são obrigados a ceder e a recuar.

**BARREIRO** — Entre as operárias da Cordoaria Nicola viu-se crescer o descontentamento contra os baixos salários e a miséria de 24500 por dia.

Com o objectivo de dividir as operárias os patrões deram pequenas aumentes a algumas. Numas lutas manifestações de unidade e firmeza logo TODAS largaram o trabalho e reclamaram libertação dos mestres que haviam sido presos.

Posteriormente a Pide prendeu alguns pescadores, membros da comissão de unidade. Estes priões mantinham-se ainda ao encerrar esta notícia.

Valentes pescadores de Matosinhos! Mais uma vez a vossa unidade e firmeza vos deu a vitória!

Continuai unidos na luta pelas saldares e restantes reivindicações!

Não permitis a prisão de um único camarada!

## NOVA GREVE DOS PESCADORES DE MATOSINHOS

(continuação da 1.ª pag.)

O peixe que no dia 1 os pescadores se negaram a descarrar teve que ser lançado ao mar já deteriorado.

Havendo miséria nos lares dos pescadores, recusando-lhes o direito ao peixe da tradicional caldeirada, os armadores e as autoridades policiais preferem lançar o peixe ao mar a ceder à sua justa reivindicação!

Porém, face à firmeza dos pescadores e também dos mestres, os armadores foram obrigados a ceder os 550 reivindicados, sendo libertados os mestres que haviam sido presos.

Posteriormente a Pide prendeu alguns pescadores, membros da comissão de unidade. Estes priões mantinham-se ainda ao encerrar esta notícia.

Valentes pescadores de Matosinhos! Mais uma vez a vossa unidade e firmeza vos deu a vitória!

Continuai unidos na luta pelas saldares e restantes reivindicações!

Não permitis a prisão de um único camarada!

Estes exemplos mostram que a luta unida e organizada é o único caminho seguro para os trabalhadores se oporem à exploração dos patrões e do governo e alcançarem melhores salários e outras reivindicações.

## POVO PORTUGUÊS! ORGANIZA A LUTA O PREÇO DO PÃO VAI AUMENTAR

Após meses de conflitos entre o governo fascista e os industriais de panificação, o preço do pão vai ser aumentado. Mas uma vez os governantes salazaristas se colocam do lado dos poderosos contra o povo. Mas uma vez o povo deve scachter o caminho da luta, reagir de imediato contra o aumento do preço do pão, através de reuniões, de concentrações, de protestos, de abaixo-assinados, de manifestações de rua.

Só a luta da classe operária, só a activa participação das mulheres poderá evitar que o governo fascista aumente o preço do pão.

Greve na Fábrica de Conservas Vasco da Gama -Avante!, VI Série, nº 393, julho 1968, p.3 | Cedido por Arquivo Histórico do PCP



## Memória Oral

### Georgete Ferreira (1925 -2017)

Marcada pelo legado republicano dos pais e pela perda precoce destes, destacou-se na luta contra o fascismo juntamente com as suas irmãs, Sofia e Mercedes, referidas como as mulheres que não puderam ser meninas. Sob diversos pseudónimos, o de *tia Helena* é destacado.

Georgete emergiu como uma figura central na resistência antifascista em Setúbal, liderando a organização de casas clandestinas e estratégias de combate ao regime, representando um bastião de força e inspiração.

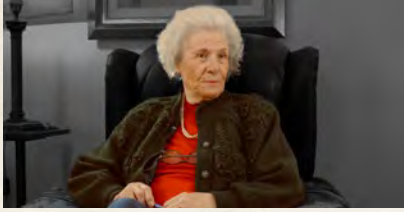
Mulher determinada e exigente, versátil e inteligente, cuidadora e discreta, dedicou a sua vida à missão de derrubar o fascismo, tendo renunciado ao casamento e filhos em prol de um compromisso inabalável com a causa.

Foi presa duas vezes e conseguiu fugir na primeira, sem nunca vacilar perante o risco, continuou a lutar pelos direitos e interesses do povo com uma dedicação inquestionável. A sua história é um testemunho de sacrifício pessoal e coragem diante da opressão.

“ (...) em relação à Georgete que foi aquela que conheci melhor e trabalhei, em condições difíceis, de clandestinidade (...) eu referia ainda uma particularidade da Georgete antes de chegar à minha convivência com ela, terá sido a primeira mulher a evadir-se da cadeia (...)”

(...) era uma mulher muito rigorosa, muito combativa, muito determinada, (...) era impossível a gente dizer que não ia fazer. (...) Depois como eu dizia, fora das reuniões, ela comigo e com a minha mulher, enquanto jantávamos, depois de jantarmos, ela transfigurava-se, ela era gentil, ela era doce, era carinhosa, era maternal (...)”

José Teodósio Cachochas, 78 anos  
(Integrou a célula comunista da qual Georgete Ferreira era responsável)



## Memória Oral

### Maria Helena Dias

Com 89 anos e residente em Setúbal, partilha com orgulho a história de vida ao lado de seu marido, Álvaro Dias, destacado opositor ao regime fascista e preso várias vezes por “atos subversivos”. Nem sempre esteve a par de todos os detalhes, porém, Maria Helena, considera que era melhor assim. Demonstrou extraordinária coragem e resiliência, ajudando o marido a esquivar-se da PIDE e a lidar com esta.

O casal Dias era proprietário da empresa Armazém Papéis do Sado, destacando-se a papelaria, na baixa da cidade de Setúbal e a tipografia localizada onde é hoje o espaço A Gráfica - Centro de Criação Artística.

Durante os períodos de prisão de Álvaro, foi Maria Helena quem assegurou a continuidade do negócio, mostrando não só dedicação à família, mas também um constante suporte à causa antifascista. Foi ela que visitou o companheiro na prisão, levando-lhe refeições e conforto, como mencionado numa das suas cartas, onde expressava a alegria que as visitas de Maria Helena lhe traziam. A vida de Maria Helena Dias é uma inspiradora demonstração de bravura e resistência num tempo de opressão.

“(…) eu saio dali um dia [refere-se à papelaria Armazém Papéis do Sado] e vejo três homens a olharem assim para o número da porta. Olhe eu não sabia de nada, ninguém me disse nada, absolutamente nada. (...) volto para trás, o meu marido vinha [faz gesto de que vinha na sua direção], (...) eu disse: Álvaro foge que vem aí a PIDE buscar-te. Mas quem é que... eu ainda hoje estou para saber quem é que me disse, ninguém me disse nada (...)”

(Maria Helena Dias, 89 anos | Esposa de Álvaro Dias, preso político)

Alfuz, 21 de Setembro de 1962

Baa Amiga:

Quando leio as tuas cartas recordo as corridas espaciais. Será que o tempo te falta e o meu sobra? A verdade é que vejo nelas uma corrida apressada.

tinha-te prometido uma carta. Uma carta para ti, se eu tivesse os meus fornecedores, que não falasse de nada do negócio. Afinal por necessidade, vejo a necessidade de recomendações comerciais.

Pensei que devia fugir à compra do papel lixei à Ceiras. Banco te disse o melhor seria na Penova pela sua boa qualidade, mas não sendo factível (2.000 ti gastou-se) à Abelheira. As caixas da Solimar facturadas a 7%, todas, mas mandas-me cartas a perguntar se ele concorda com esse preço para as brancas. Dizer-me que nunca mais e imia teu ido fazer serões. Que teu feito. O Aveireense nunca mais disse nada do resto do CTC recomendado! O dele era muito baquinho e se não tivesse eu caí de ter dificuldade de me arrastar. A propósito. @ O nome da

Carta de prisão de Álvaro Dias à sua esposa Maria Helena.



Memória  
Oral

## Maria Clementina Amália (1915 - 2002)

Mulher impetuosa, com uma força psicológica inabalável, tendo sempre sido exímia na luta antifascista e na resistência às diferentes investidas e torturas aplicadas pela PIDE. Dizem-nos os netos que o seu calcanhar de Aquiles era o seu marido Salvador Pereira Amália, revelando agrado e paz ao saber que uma das prisões era dirigida a si, e não ao seu marido.

Numa fase inicial assumiu a liderança da casa, dando apoio à família e à organização da mesma, para que tudo funcionasse de forma discreta e exemplar. Mas rapidamente desempenhou funções de responsabilidade numa tipografia, onde se produziam jornais clandestinos - *Avante!*.

Destacam-se duas prisões, uma das quais denunciada por um dos seus aprendizes, tipógrafo, duramente torturado. Maria Clementina terá sofrido a ira da PIDE, alimentada pela raiva de se sentirem enganados pela mulher que acreditavam ser apenas a companheira do “perigoso comunista” Salvador Pereira Amália.

Lutou e resistiu com determinação contra o regime e contra todos aqueles que o defendiam.

“(…) sei Avantes! (...) era ela [refere-se à avó Maria Clementina] que organizava, não estava sozinha na tipografia, mas era ela que era a responsável pela mesma.”

Isabel Maldonado, 60 anos

(Neta de Maria Clementina e Salvador Pereira Amália, ambos presos políticos)



Memória  
Oral

## Regina Marques

Hoje com 76 anos, mudou-se para Setúbal para estudar. Desde jovem envolveu-se em várias atividades, como, O Clube de Campismo, procurando um papel social que divergia do imposto pelo regime. Recorda a falta de liberdade para discutir certos temas e a visão restritiva sobre o papel da mulher, centrado na reprodução. No clube teve acesso a livros censurados, despertando o seu interesse pela leitura e o pensamento crítico.

Apaixou-se e decidiu exilar-se com o homem que amava, mas enfrentou obstáculos, como a recusa inicial do seu passaporte por não existir “razão suficiente” para que ela, enquanto mulher, se ausentasse do país. Na segunda tentativa, seguindo o conselho de um membro do Clube de Campismo, que mais tarde se soube ligado à PIDE, falhou novamente. Com a ajuda de uma amiga conseguiu exilar-se na Bélgica. Regina e o marido estudaram lá, mantendo contacto com a família através de cartas e encontros em Espanha.

Uma curta referência à fuga de Américo Tomás para a Madeira, noticiada no jornal *“Le Monde”* foi o primeiro sinal da revolução de 25 de Abril. Retorna a 20 de setembro a Portugal, tendo participado na manifestação de 28 de setembro, acolhida pelo MDP (Movimento Democrático Português), ao qual o irmão estava ligado.

Integrou-se na vida política, consolidando a sua oposição ao fascismo.

Reflete, no presente, sobre a sua perceção tardia da conotação política e da Mocidade Portuguesa.

“(...) hoje estamos em liberdade, naquela altura não estávamos. Não falávamos destas coisas, não se discutia política. (...) quem organizava muitas coisas e atividades, digamos extracurriculares, era a Mocidade Portuguesa

(...) eram as pessoas ligadas muitas vezes à igreja, que na altura também era um parceiro fundamental do regime (...)”

Regina Marques, 76 anos

(Exilada política)



# MULHERES NA RESISTÊNCIA À DITADURA EM SETÚBAL

# MULHERES NA RESISTÊNCIA À DITADURA EM SETÚBAL

# MULHERES NA RESISTÊNCIA À DITADURA EM SETÚBAL

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### **Júlia Augusta da Silva (1930)**

ANTT, PIDE/DGS, Polícias anteriores, Cadastro Político n.º 2228 de Júlia Augusta da Silva.

ANTT, PIDE/DGS, Polícias anteriores, Cadastro Político n.º 4404 de Joaquim José Piteira Júnior.

ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo n.º 4674 da Polícia de Informações do Ministério do Interior, NT 4265.

### **Maria da Costa (1936)**

ANTT, PIDE/DGS, Registo Geral de Presos, Livro n.º 25, Presa n.º 4836.

ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo-Crime n.º 1519/36 da PVDE, NT 4455.

### **Maria Fernandes Ribeiro (1938)**

AHM, Tribunal Militar Especial Político, Cx. 92, Processo n.º 143/38, vol. I.

ANTT, PIDE/DGS, Registo Geral de Presos, Livro n.º 51, Presa n.º 10075.

ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo-Crime n.º 1222/41 da PVDE, NT 4703.

ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo-Crime n.º 468/38 da PVDE, NT 4518 (2 volumes).

COSTA, Albérico Afonso, *Setúbal sob o Estado Novo*, vol. I, *A Resistência a Salazar (1933-1949)*, Estuário, Setúbal, 2022.

### **Elisabete da Conceição Fernandes Leal (1940)**

ANTT, PIDE/DGS, Registo Geral de Presos, Livro n.º 61, Presa n.º 12011.

ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo-Crime n.º 1112/39, NT 4584.

### **Maria da Conceição Tavares de Castro Miny (1940)**

ANTT, PIDE/DGS, Registo Geral de Presos, Livro n.º 63, Presa n.º 12419.

ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo-Crime n.º 972/40 da PVDE, NT 4636.

Arquivo Histórico da Fundação Sousa Mendes. Documentação alusiva a Maria Miny.

### **Maria Fernanda Corte Real Graça e Silva (1947 e 1948)**

ANTT, PIDE/DGS, Processo-Crime n.º 575/47 da PIDE, NT 4928.

ANTT, PIDE/DGS, Registo Geral de Presos, Livro n.º 90, Presa n.º 17818.

GORJÃO, Vanda, *Mulheres em Tempos Sombrios – Oposição feminina ao Estado Novo (2002)*.

HONÓRIO, Cecília, *Mulheres contra a Ditadura (2014)*.

### **Luísa Dias Soares (1948)**

ANTT, PIDE/DGS, Registo Geral de Presos, Livro n.º 92, Presa n.º 18207.

ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo-Crime n.º 358/48, NT 4963.

### **Marie Germaine Martin Aubel (1949)**

ANTT, PIDE/DGS, Registo Geral de Presos, Livro n.º 97, Presa n.º 19381.

ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo-crime n.º 346/46 da PIDE, NT 4891.

### **Georgete de Oliveira Ferreira (1949 e 1954)**

ANTT, PIDE/DGS, Delegação do Porto, Processo n.º 33985, NT 3977.

ANTT, PIDE/DGS, Registo Geral de Presos, Livro n.º 98, Presa n.º 19564.

ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo n.º 215 do Gabinete Técnico da PIDE, NT 1398.

ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo n.º 3218 do Centro de Informações n.º 2, NT 7255.

MELO, Rose Nery Nobre de Melo (1975), *Mulheres Portuguesas na Resistência*.

Memória Comum – Memorial aos Presos e Perseguidos Políticos (1926-1974) – Entrada “Georgete de Oliveira Ferreira”

**Maria Clementina da Conceição Coelho Amália (1962 e 1965)**

ANTT, PIDE/DGS, Processo-Crime n.º 1080/65 da PIDE, NT 5729.

ANTT, PIDE/DGS, Processo-Crime n.º 1559/62 da PIDE, NT 5476.

ANTT, PIDE/DGS, Registo Geral de Presos, Livro n.º 128, Presa n.º 25579.

COSTA, Albérico Afonso (2023), *Setúbal sob o Estado Novo*, vol. II, *A Resistência a Salazar e a Caetano (1950-1974)*.

LEAL, Américo (2009), *A Mulher Setubalense na Resistência ao Fascismo*.

**Aura Gomes da Silva (1967)**

ANTT, PIDE/DGS, Registo Geral de Presos, Livro n.º 139, Presa n.º 27779.

ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo n.º 729 do Gabinete Técnico da DGS, NT 1427.

COSTA, Albérico Afonso (2023), *Setúbal sob o Estado Novo*, vol. II, *A Resistência a Salazar e a Caetano (1950-1974)*.

**Joaquina Caeiro Galante (1967)**

ANTT, PIDE/DGS, Registo Geral de Presos, Livro n.º 139, Presa n.º 27781.

ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo n.º 1525/67 da PIDE, NT 5940.

ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo n.º 6420 do Gabinete Técnico, NT 1532.

COSTA, Albérico Afonso (2023), *Setúbal sob o Estado Novo*, vol. II, *A Resistência a Salazar e a Caetano (1950-1974)*.

**Juliana Gonçalves Pinto de Mesquita (1968)**

ANTT, PIDE/DGS, Registo Geral de Presos, Livro n.º 141, Presa n.º 28051.

ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo-crime n.º 1073/68 da PIDE, NT 6023.

ANTT, PIDE/DGS, Serviços Reservados, Processo n.º 863/72 da DGS, NT 3991.

**Marina Santos Lopes Carvalho (1972)**

ANTT, PIDE/DGS, Registo Geral de Presos, Livro n.º 144, Presa n.º 28724.

ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo-Crime n.º 135/72, NT 6281.

ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo-Crime n.º 486/70, NT 6185.

COSTA, Albérico Afonso, *Setúbal sob o Estado Novo*, vol. II, *A resistência a Salazar e a Caetano (1950-1974) (2023)*.

**Maria de Fátima Correia da Cruz Neves (1973)**

ANTT, PIDE/DGS, Registo Geral de Presos, Livro n.º 147, Presa n.º 29230.

ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo-Crime n.º 571/73, NT 6417 (3 volumes e 1 pasta).

**Fontes Orais:**

Antónia Carvalho | 18 de janeiro de 2024

Isabel Maldonado | 30 janeiro de 2024

Jorge Humberto | 7 de fevereiro de 2024

Maria Helena Dias | 4 de janeiro de 2024

Mariana Monte | 26 de janeiro de 2024

Miguel Maldonado | 9 de fevereiro de 2024

Regina Marques | 25 de janeiro de 2024

Teodósio Cachochas | 29 de janeiro de 2024

## Organização

### Câmara Municipal de Setúbal

#### Presidente

André Valente Martins

#### Departamento de Cultura, Desporto, Direitos Sociais, Saúde e Juventude

Pedro Pina | Vereador de Cultura, Desporto, Direitos Sociais, Saúde e Juventude

Luís Liberato Baptista | Diretor do Departamento

#### Divisão de Cultura e Património

Mónica Duarte | Chefe de Divisão

#### Serviço Municipal de Museus

Michelle Teixeira Santos | Chefe de Serviço

#### Gabinete de Promoção e Divulgação do Património Histórico e Cultural

José Luís Catalão | Chefe do Gabinete

#### Investigação e Conteúdos

Diogo Ferreira | Gabinete de Promoção e Divulgação do Património Histórico e Cultural

Raquel Martins | Centro de Memórias - Museu do Trabalho Michel Giacometti

#### Departamento de Comunicação, Relações Internacionais e Turismo

#### Divisão de Comunicação e Imagem

Ana Xavier | Setor de Produção e Design Gráfico

Bernardo Conceição | Setor de Audiovisuais e Multimédia

Carla Veríssimo | Setor de Promoção e Divulgação  
Pedro Gonçalves | Setor de Audiovisuais e Multimédia  
Pedro Guerreiro | Setor de Audiovisuais e Multimédia  
Tomás Soares | Setor de Audiovisuais e Multimédia

#### Apoio

Arquivo do Centro de Memórias do Museu do Trabalho Michel Giacometti  
Equipa Técnica Gabinete de Promoção e Divulgação do Património Histórico e Cultural  
Equipa Técnica Museu do Trabalho Michel Giacometti  
Serviço Educativo dos Museus Municipais

#### Colaboração

Antónia Rosa Carvalho  
Florinda Cruz  
Isabel Maldonado  
Jorge Humberto  
Luísa Araújo  
Maria Helena Dias  
Maria Lopes  
Mariana Monte  
Miguel Maldonado  
Regina Marques  
Teodósio Cachochas

#### Agradecimentos

Arquivo Histórico do PCP  
Arquivo Nacional da Torre do Tombo  
Fundação Mário Soares e Maria Barroso



  
**SETUBAL**  
MUNICÍPIO AUTÓNOMO

  
**25** ABRIL  
VENHAM MAIS  
VINTE CINCO

**4** EDUCAÇÃO  
DE QUALIDADE  


**10** REDUZIR AS  
DESIGUALDADES  
